

Gramsci e a sustentabilidade: as possibilidades de uma consciência ambiental crítica

VITANGELO PLANTAMURA
Centro Universitário Nilton Lins, Manaus, Brasil

Introdução

O artigo objetiva analisar as contribuições teórico-metodológicas que Gramsci oferece, com extrema atualidade, às grandes discussões que acontecem no mundo moderno sobre meio ambiente, sustentabilidade e educação ambiental.

A pesquisa, os estudos e as experiências socioambientais produzidas na Amazônia devem assumir compromissos com um novo modelo de desenvolvimento, em que a qualidade de vida e a justiça social sejam metas permanentes a serem perseguidas.

Nosso pressuposto básico assume uma racionalidade crítico-emancipatória que articule natureza, técnica e cultura. Não se trata apenas de discutir bases conservacionistas ou mercadológicas da natureza: trata-se de colocar em jogo o próprio processo civilizatório.

Este pressuposto inicial induz a questionar até que ponto o produto intelectual da pesquisa e da pós-graduação na Amazônia e no Brasil está contribuindo para a redução das desigualdades sociais, para a melhoria da qualidade de vida da população e para o desenvolvimento socioeconômico do país.

A questão central para a educação é a adoção de referenciais teórico-metodológicos para alimentar a práxis com coerência. O que se observa, contudo, é um educador inseguro e que, não poucas vezes, conduz sua ação pelo senso comum. Se esta hipótese é verdadeira para a educação como um todo, é mais aparente para o campo ainda móvel e incerto da educação ambiental e da sustentabilidade.

O recurso a Gramsci faz-se necessário e central pela maneira como esse autor enfrentou com lucidez a luta pela hegemonia existente na sociedade e a necessidade de coerência nas concepções que cada educador deve construir para iluminar sua prática. As contribuições de Gramsci para a construção de uma concepção unitária e coerente de mundo podem ser uma ponte metodológica para o enfrentamento das discussões ambientais atuais.

Revista Iberoamericana de Educación

ISSN: 1681-5653

n.º 49/2 – 10 de abril de 2009

EDITA: Organización de Estados Iberoamericanos
para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI)



Por uma educação sustentável

O duelo do homem com a natureza (Batista, 2007), secular luta travada em frentes ideológicas opostas, obteve não poucas vezes como resultado, uma perspectiva reducionista do meio ambiente, baseada exclusivamente nos seus aspectos biológicos e naturais, não considerando o ser humano e suas relações sociais. A natureza, parte do meio ambiente, é considerada o todo. O reducionismo implícito na apropriação do meio ambiente por parte da natureza gera uma falsa consciência ambiental: o que importa é a preservação de um meio sem o homem. As relações sociais, as exclusões, as diversidades culturais, não pertenceriam ao meio ambiente.

O confronto/diálogo homem-natureza da atualidade introduz no cenário a necessidade de uma "sustentabilidade socioeconômica" (Freitas, 2005) alicerçada em um novo modelo de desenvolvimento que considere as características sociais, culturais e os conhecimentos tradicionais dos povos que habitam a Amazônia.

Gadotti (2000) proclama uma Pedagogia da Terra e uma educação sustentável, ampliando o conceito de sustentabilidade que permeia todas as instâncias da vida e da sociedade: "*Para além da sustentabilidade econômica, podemos falar de uma sustentabilidade ambiental, social, política, educacional, curricular, etc. O conceito é visto aqui muito mais a partir dos seus pressupostos éticos do que econômicos*" (p. 35).

Outros autores, a exemplo de Gadotti, também aprofundam as relações entre educação e ambiente numa abordagem crítica. As contribuições de Novicky (2003) têm o mérito de situar os conceitos de desenvolvimento sustentável, meio ambiente e educação ambiental no seio da teoria crítica da educação, em confronto com uma visão não crítica de educação. O mesmo fazem Deluiz e Novicky (2004) ao relacionarem trabalho e desenvolvimento sustentável e apontarem uma sustentabilidade democrática, baseada nos princípios de justiça social, democracia, equidade.

Para Jacobi (2003, 2004) a sustentabilidade é novo critério básico e integrador que precisa estimular as responsabilidades éticas. A noção de sustentabilidade remete, pois, a uma relação de justiça social, qualidade de vida, equilíbrio ambiental e a ruptura com o atual padrão de desenvolvimento, onde se articulam natureza, técnica e cultura.

É necessário "ambientalizar a educação". A educação ambiental é muito mais que tema transversal ou conjunto de esforços interdisciplinares; essa envolve uma função social primordial, "aportar à construção de uma sociedade sustentável e à medida humana" (Jacobi, 2004, p. 10). Os rumos que o autor aponta para a educação ambiental seguem as trilhas da complexidade de Leff (2001), com um saber ambiental que supere a racionalidade técnico-científica (Jacobi, 2005).

A insuficiência de referenciais teórico-metodológicos para subsidiar as práticas de educação ambiental representa uma questão nodal para a educação como um todo. Gamboa (1991) realiza uma análise epistemológica da produção da pesquisa em educação, utilizando como categoria metodológica fundamental a relação entre o lógico (estruturas internas) e o histórico (tendências de crescimento das tendências). As tendências consideradas são as abordagens empírico-analítica, fenomenológica-hermenêutica e crítico-dialética.

Para Loureiro (2005), desde a década de 70, quando se firmam as primeiras experiências em educação ambiental, há dois blocos de pensamentos em luta pela hegemonia na academia e na sociedade civil.

O autor distingue um bloco "*conservador ou comportamentalista*" (2005, p. 1475), cujas características básicas são a dimensão individual da educação, a compreensão conservacionista das questões ambientais, o fazer educativo ambiental despolitizado, a ausência de historicidade da realidade, a ênfase na redução do consumo desvinculada do modo de produção, a responsabilidade de um homem descontextualizado social e politicamente.

O segundo bloco é denominado de "*transformador, crítico ou emancipatório*" (2005, p. 1.476), e assume outras características: a politização das problemáticas ambientais, a relação intrínseca da participação e da cidadania com a prática da educação ambiental, a relação indissociável da ética com a tecnologia, da produção com o consumo, a busca incessante da equidade, do bem-estar público e da solidariedade.

Esta segunda perspectiva educacional tem base na pedagogia crítica, cujo desafio reside não somente em sua consistência lógica ou na comprovação de suas teorias, mas essencialmente na escolha moral que necessitamos fazer como profissionais e como pesquisadores (Torres, 2000). É um conceito de pedagogia que enfatiza o histórico e o transformador em sua prática, que visa a produção política e cultural envolvida na construção de conhecimento, de subjetividades e relações sociais. A pedagogia crítica parte sempre com um grau de indignação, com uma visão de possibilidade e com a vivência de incertezas que impelem a encontrar alternativas, inovar e renovar o trabalho a partir de um conceito ampliado de educação como forma de política cultural (Freire, 1999).

A luta por concepções hegemônicas em educação: a contribuição de Gramsci e a busca de referenciais em educação ambiental

Recorremos a Gramsci, que encarou com extrema lucidez a luta pela hegemonia existente na sociedade e a necessidade de coerência nas concepções que cada educador deve construir para iluminar sua prática.

De acordo com o autor italiano (1992) há identificação entre a filosofia e a política, na medida em que a escolha de uma concepção de mundo é um fato político. O primeiro passo que ele sugere na construção da concepção de mundo é o "*inventário*" (Gramsci, 1992). Trata-se de uma crítica das heranças que o processo histórico deixou em cada ser humano, é o primeiro passo para tornar a própria concepção de mundo unitária e coerente. Essa homogeneidade e essa coerência são pressupostos para superar a dominação ideológica e a subordinação intelectual, entendida -essa última- como assumir uma concepção de mundo estranha e emprestada de outro grupo por questão de submissão (Gramsci, 1984).

Gramsci demonstra que "*todos os homens são filósofos*" (1984, p. 11), tendo na espontaneidade, na linguagem, no senso comum e no bom senso seus limites. Uma concepção externa é imposta ao ser humano, fazendo com que seu pensar seja acrítico, desagregado e ocasional. Pergunta-se então, se não seria:

“preferível elaborar a própria concepção do mundo de uma maneira crítica e consciente e, portanto, em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não aceitar do exterior, passiva e sensivelmente a marca da própria personalidade” (1984, p. 12).

A construção de uma concepção “*unitária e coerente*” deve partir, pois, da crítica da própria concepção do mundo baseada no senso comum. As formulações teóricas de Gramsci encontram-se de tal forma entrelaçadas que se torna difícil determinar qual é a sua categoria principal. O corte possível é o privilegiamento de algum conceito por uma questão de método. Dessa forma, Jesus (1989) destaca o conceito de hegemonia como uma ação que atinge não apenas as dimensões sociais e políticas de uma sociedade, mas também sua totalidade cultural. Razão pela qual as relações hegemônicas são pedagógicas e as relações pedagógicas são hegemônicas (Gramsci, 1984). A importância do senso comum emerge, tendo em vista que a substituição de uma hegemonia para outra, de um senso comum para outro, significa a troca de comando de uma classe para outra na sociedade. Educar, pois, é uma luta contra o senso comum, é a construção de uma compreensão crítica da realidade que seja o ponto de partida de uma nova realidade social, de uma nova hegemonia. É a “*compreensão das contradições para transformá-las em uma concepção de mundo unitária e coerente*” (Jesus, 1989, p. 42).

Gramsci (1984) chega ao bom senso através da reflexão acerca da filosofia espontânea que não deve ser negada apesar de suas bases de resignação e paciência. O ponto de chegada é a:

“superação das paixões bestiais elementares por uma concepção da necessidade que fornece à própria ação uma direção consciente. Este é o núcleo sadio do senso comum, o que poderia ser chamado de bom senso, merecendo ser desenvolvido e transformado em algo unitário e coerente” (p. 16).

As classes dominantes transformam sua concepção de mundo em senso comum, penetrando no povo através de toda uma hegemonia cultural e garantindo a hegemonia política e o controle mediante o consenso. Afinal “*somos conformistas de algum conformismo (...)*” (1984, p. 12).

Gramsci aponta para o perigo do senso comum, uma passividade e uma consciência acrítica que impedem a mudança, e sinaliza os seus pontos negativos que – se superados – podem propiciar o ponto de partida da ruptura com a hegemonia dominante. Jesus (1989) recolhe do pensamento gramsciano a essência desses elementos negativos e sintetiza-os da seguinte maneira: a) o materialismo: adesão espontânea e cega aos dados imediatos da realidade, superstição, acriticidade, ingenuidade. Enfim, a realidade seria dada e não construída; b) o dogmatismo: não percepção do relativismo do real; inorganicidade; inconsciência da totalidade; aceitação do natural diante do histórico, misticismo. A realidade seria imutável e não histórica ou relativa; c) a incoerência: fragmentação da realidade que permite acessar a partes da realidade, provocando a incoerência; reducionismo. A realidade seria soma desarticulada de suas partes e não uma totalidade. Percebe-se que o senso comum é uma concepção desorgânica do mundo, entendida como visão espontânea, casual, oportunista, sem princípios unificadores, desagregada e ocasional (Gramsci, 1984).

Se a realidade não pode ser reduzida, o homem, conseqüentemente, não pode ser reduzido. Ele é o processo de seus atos e muito mais que sua individualidade, é relação orgânica (e não justaposta) com os outros homens e com a natureza. A complexidade das relações sociais faz com que o homem mude com o

mudar dessas relações. A natureza do homem se identifica com sua história, dando à história o significado de mudança e devir.

"O homem deve ser concebido como um bloco histórico de elementos puramente individuais e subjetivos e de elementos de massa e objetivos ou materiais com os quais o indivíduo está em relação ativa. Transformar o mundo externo, as relações gerais, significa potenciar a si mesmo, desenvolver a si mesmo (...). O homem é essencialmente 'político' pois a atividade para transformar e dirigir conscientemente os outros homens realiza sua 'humanidade', a sua 'natureza humana' " (Gramsci, 1967, p. 181-2 [Tradução nossa]).

A questão da hegemonia, ou seja, a conquista do consenso, faz parte das principais formulações de Gramsci, uma vez que todos os homens estão sujeitos a algum tipo de conformismo (Gramsci, 1984). Insere-se aqui, o conceito de sociedade civil em que se trava a luta pela hegemonia; a sociedade civil é o terreno em que se trava a batalha entre concepções de mundo opostas.

Ao aproximar-se das temáticas ambientais, é necessário superar o senso comum e buscar uma coerência conceitual-operacional de acordo com o próprio inventário de valores. A falsa consciência sobre a realidade e o homem, resultado do reducionismo da concepção de meio ambiente ao seu aspecto absolutista de natureza, é a perspectiva a ser superada por uma nova consciência ambiental crítica.

A concepção reducionista de meio ambiente e a fragmentação da realidade não apenas restringem as possibilidades de uma educação ambiental que problematize a matriz da eficiência do mercado e das soluções economicistas e tecnicistas. O alcance da fragmentação da realidade e da falsa consciência ambiental atinge a sociedade como um todo. Gramsci lembra que a possibilidade de construir uma consciência ambiental crítica parte da ampliação de nossas concepções de educação, de vida e de natureza. Seguindo este ponto de partida, a contra-hegemonia que Gramsci propõe se expande para uma educação que abrange a totalidade das manifestações e práticas políticas, educacionais, sociais e ambientais.

Considerações finais

Os pressupostos traçados neste trabalho encontram sua base no conceito de sustentabilidade alicerçado em relações sociais, enquanto elemento gerador da natureza humana. A compreensão do ser humano como presença no mundo define-o mais do que ser adaptável; é um ser transformador que percebe que a adaptação não pode esgotar o estar no mundo.

Os homens, em sua relação com a natureza através de múltiplas atividades, criam-se a si mesmos, como indivíduos e como sociedade. O processo histórico é processo de humanização. A atividade econômico-produtiva, com a qual o homem transforma e socializa a natureza, só é possível pela atividade político-cultural, com a qual o homem ordena a si mesmo individualmente e como comunidade. A racionalidade emancipatória é a base da articulação da natureza, da técnica e da cultura.

Gramsci nos obriga a reinserir o homem no meio ambiente, condição para transformar-se a si mesmo e à natureza através do trabalho, condição para discutir um desenvolvimento sustentável economicamente viável e socialmente justo, condição para aceitar as diversidades culturais e as

contribuições dos diferentes povos da Amazônia, condição para relacionar ética e tecnologia, condição para a equidade e a solidariedade.

Bibliografia

- BATISTA, Djálma (2007): *O complexo da Amazônia. Análise do processo de desenvolvimento*. Manaus: Valer, Edua, Inpa.
- SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio A. (1991): "A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto". In: FAZENDA, Ivani (org.): *Metodologia da pesquisa educacional*. 2.ª ed. aum. São Paulo: Cortez Editora, pp. 93-115.
- DANTAS, Flávio (2004): "Responsabilidade social e pós-graduação no Brasil: idéias para avaliação". In: *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, nov., n.º 2, pp. 160-172.
- DELUIZ, Neise, e NOVICKI, Victor (2004): "Trabalho, meio ambiente e desenvolvimento sustentável: implicações para uma proposta crítica de educação ambiental". In: *Reunião Anual da ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*. Caxambu-MG. <http://www.anped.org.br> [Consulta: mar. 2008].
- FREIRE, Paulo (1999): *Pedagogia da esperança. Um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- FREITAS, Marcílio de (org.) (2005): *Amazônia. A natureza dos problemas e os problemas da natureza*, vol. 1, Manaus: EDUA.
- GADOTTI, Moacir (2000): *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Petrópolis.
- GRAMSCI, Antonio (1967): *La formazione dell'uomo. Scritti di pedagogia*. Roma: Ed. Riuniti.
- (1984): *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- (1992): *Folclore e senso comune*. Roma: Editori Riuniti.
- JACOBI, Pedro (2003): "Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade". In: *Cadernos de Pesquisa*, mar., n.º 118, pp. 189-206.
- (2004): "Educação e Meio Ambiente-um diálogo em ação". In: *Reunião Anual da ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*. Caxambu-MG. <http://www.anped.org.br/reunioes/27gt22> [Consulta: mar. 2008].
- (2005): "Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo". In: *Educ. Pesqui.*, ago., vol. 31, n.º 2, pp. 233-250.
- TAVARES DE JESUS, Antonio (1989): *Educação e hegemonia no pensamento de Antonio Gramsci*. São Paulo: Ed. Atica.
- LEFF, E. (2001): *Epistemologia ambiental*. São Paulo: Cortez.
- B. LOUREIRO, Carlos Frederico (2005): "Complexidade e dialética: contribuições à práxis política e emancipatória em educação ambiental". In: *Educação e Sociedade*, vol. 26, n.º 93, pp. 1473-1494, set./dez. 2005.
- NOVICKI, Victor (2003): "Abordagens teórico-metodológicas na pesquisa discente em educação ambiental: Programas de Pós-Graduação em educação do Rio de Janeiro (1981-2002)". In: *Reunião Anual da ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*. Caxambu-MG. <<http://www.anped.org.br>> [Consulta: mar. 2008].
- TORRES, Carlos Alberto (2000): *Educação, poder e biografia pessoal. Diálogos com educadores críticos*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.